

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Senhor Presidente da Assembleia da República

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Distintos convidados

Caros congressistas

Tradicionalmente uma iniciativa do Sindicato, o Congresso dos Jornalistas desta vez é promovido por três entidades com grande representatividade e atuantes no seio da classe e na sociedade em geral – o Sindicato, claro, e também a Casa da Imprensa e o Clube de Jornalistas.

Em nome da Casa da Imprensa permitam-me que saúde a Direção do Sindicato por esta abertura e pelo desafio que nos lançou e que todos entendemos como um sinal que era necessário dar: estamos todos no mesmo barco, somos todos necessários.

Criámos as condições para que o Congresso se realizasse e assumimos o risco que a realização dum evento com esta dimensão acarreta – é verdade.

Mas o principal, do que fizemos, foi desafiar a Maria Flor Pedroso a liderar uma comissão organizadora, sem agenda nem conclusões pré-determinadas.

A comissão organizadora teve total autonomia e dela fizeram parte todos os jornalistas que se voluntariaram para a integrar.

A comissão promoveu encontros preparatórios abertos a todos os jornalistas e foi desses debates, por todo o país, que resultou a ordem de trabalhos deste congresso.

O Congresso é aberto à participação de todos e o resultado final será o que todos formos capazes de produzir.

*** * * * ***

A necessidade da realização deste congresso era há muito tempo uma evidência para todos nós, jornalistas.

Dizemos entre nós, com frequência, que 18 anos – o tempo que decorreu desde o anterior congresso – é muito tempo e que entretanto quase tudo mudou no modo como se produz e consome informação, nas condições políticas, económicas, técnicas e sociais em que exercemos a nossa profissão.

É verdade. É verdade que vivemos uma situação cada dia mais complexa e difícil e que isto nos leva a dizer que estamos na mais grave crise das nossas vidas.

18 anos é muito tempo, de facto, mas o mais grave é que sentimos que, neste período de intensas mudanças que trouxeram novos desafios, perdemos ímpeto.

*** * * * ***

Nestes 18 anos muitos jornalistas abandonaram a profissão – cerca de dois mil. Não que não fossem necessários, mas porque sentiram que não tinham condições para continuar.

Os níveis de desemprego e a precaridade são elevadíssimos, os salários baixos, os ritmos de trabalho dificilmente suportáveis.

As empresas do sector vivem com grandes dificuldades e cada vez mais quem lucra com a sua atividade são agentes externos que não suportam os custos de produzir informação. Novos intervenientes surgem no sector com agendas que não são claras.

A tecnologia, que nos dá extraordinárias ferramentas para que o nosso trabalho seja melhor e chegue a mais gente, cria a ilusão disparatada de que até somos em grande medida dispensáveis.

*** * * * ***

Cada uma à sua maneira, com vocações e atividades diferenciadas mas com o objetivo comum de dignificar o jornalismo e servir os jornalistas, as três organizações promotoras do Congresso desenvolvem uma atividade intensa.

Na Casa da Imprensa, testemunhamos diariamente estas dificuldades. Os regimes complementares de saúde e segurança social que desenvolvemos são as faces mais visíveis da nossa atividade, mas há outra, tão discreta quanto deve ser, mas tão necessária que é a ação social.

Sim é verdade, a situação social é de grande dificuldade – há jornalistas que sobrevivem com o rendimento social de inserção.

Mas somos testemunhas também de que são muitos os que não desistem. Por isso procuramos novas respostas, seja um espaço partilhado de trabalho (o co-work) ou a tutoria social para apoio a novos projetos profissionais e à reinserção no mercado de trabalho.

*** * * * ***

Esta é a situação que vivemos e que aqui vimos debater.

Não como vítimas, mas como atores fundamentais para que se corrija esta trajetória perigosa. E com a noção clara de que o congresso não é um momento de catarse, mas uma ocasião crucial para afirmar o jornalismo como uma atividade indispensável ao exercício da cidadania e portanto à democracia.

Para isso, exige-se que sejamos capazes de apontar soluções, nem que seja só – e já não será pouco – a tal “folha A4 com medidas concretas” de que tem falado a Maria Flor Pedroso.

Estou certo de que esse será um bom mapa para o caminho que nos disporemos a fazer, juntos e empenhados.

Bom trabalho, camaradas congressistas.